

# IMPASSES E DESAFIOS NAS MODALIDADES DE FORMAÇÃO DOCENTE PARA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIFERENTES ESPAÇOS E CONTEXTOS



Revista  
**Desafios**

*Impasses And Challenges In The Formalities Of Teaching Training For Child Education: Different Spaces And Contexts*

*Impones Y Desafías En Las Modalidades De Formación Docente Para La Educación Infantil: Diferentes Espacios Y Contextos*

Artigo Original  
Original Article  
Artículo Original

Maike Soares de Souza\*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Especialista em Arte/Educação Intermediática Digital, UFG – EMAC, Goiânia. Professor do ensino médio regular e EJA, no Colégio Estadual Prof.<sup>a</sup> Irany Nunes do Prado, Distrito Prata, Município de Monte Alegre de Goiás, Brasil.

\*Correspondência: Colégio Estadual Prof.<sup>a</sup> Irany Nunes do Prado, Setor Central, Distrito Prata, Município de Monte Alegre de Goiás, Brasil. CEP:73.830-000. e-mail: [maikeufg@gmail.com](mailto:maikeufg@gmail.com).

Artigo recebido em 17/03/2019 aprovado em 05/06/2019 publicado em 03/10/2019.

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo investigar e debater as peculiaridades da formação docente para a Educação Infantil, analisando em plano de fundo o curso de Pedagogia nas modalidades presencial e a distância. Desta maneira, o trabalho em questão é desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, realizando importantes revisões e confrontando ideias diferentes ou não, a fim de notarem-se diversos pontos acerca do objeto estudado, uma vez que problematiza-se a capacidade do curso de pedagogia em espaços e contextos diferentes proporcionar uma formação profissional de qualidade. Assim, nas atuais instâncias que se encontra a sociedade, em um ambiente globalizado, movido por novas tecnologias, a produção capitalista, bem como as políticas econômicas demandando um mercado financeiro voraz e agressivo, exercem grandes influências sobre o locus formador do professor para educação infantil. Indubitavelmente formar professores não é ofício fácil, mas bem como desde os seus primórdios passou por mudanças e, principalmente obtendo avanços, criando legislações, identidades, formulando e reformulando cursos. Percebe-se visivelmente a necessidade de sempre realizar acompanhamentos e supervisões dos cursos que preparam o profissional para a educação infantil, buscando inovação e sobretudo uma constante ressignificação.

**Palavras-chave:** pedagogia, professor, formação.

## ABSTRACT

*This study aims to investigate and discuss the peculiarities of teacher training for Early Childhood Education, analyzing in background the Pedagogy course in the face and distance modalities. In this way, the work in question is developed through bibliographical research, carrying out important revisions and confronting different ideas or not, in order to notice several points about the object studied, once the capacity of the pedagogy course is problematized in different spaces and contexts provide quality professional training. Thus, in the current instances of society, in a globalized environment, driven by new technologies, capitalist production, as well as economic policies demanding a voracious and aggressive financial market, exert great influence on the educator locus of the teacher for early childhood education. Undoubtedly training teachers is not an easy job, but since its beginnings it has undergone changes and, mainly, making advances, creating legislations, identities, formulating and reformulating courses. It is noticeable the need to always carry out accompaniments and supervisions of the courses that prepare the professional for the children's education, seeking innovation and above all a constant re-signification.*

**Keywords:** pedagogy, teacher, formation.

## RESUMEN

*El presente estudio tiene por objetivo investigar y debatir las peculiaridades de la formación docente para la Educación Infantil, analizando en fondo el curso de Pedagogía en las modalidades presencial y la distancia. De esta manera, el trabajo en cuestión es desarrollado por medio de investigación bibliográfica, realizando importantes revisiones y confrontando ideas diferentes o no, a fin de notar diversos puntos acerca del objeto estudiado, una vez que problematiza la capacidad del curso de pedagogía en espacios y contextos diferentes, proporcionar una formación profesional de calidad. Así, en las actuales instancias que se encuentra la sociedad, en un ambiente globalizado, movido por nuevas tecnologías, la producción capitalista, así como las políticas económicas demandando un mercado financiero voraz y agresivo, ejercen grandes influencias sobre el locus formador del profesor para educación infantil. Indudablemente formar profesores no es un oficio fácil, pero así como desde sus inicios pasó por cambios y, principalmente obteniendo avances, creando legislaciones, identidades, formulando y reformulando cursos. Se percibe visiblemente la necesidad de siempre realizar acompañamientos y supervisores de los cursos que preparan al profesional para la educación infantil, buscando innovación y sobre todo una constante resignificación.*

**Descriptor pedagógico, maestro, entrenamiento.**

---

## INTRODUÇÃO

A formação de professores para a educação infantil por muito tempo não foi um ponto de grandes atenções, saindo de um profundo descaso e anonimato, já que nem existia o fato de formar-se docente, para então a partir de transformações no modo de ver a criança e conseqüentemente compreender a necessidade do sujeito detentor de sua preparação em um contexto escolar, expandiram-se debates e pesquisas, uma vez que na contemporaneidade investir na formação de docentes para atuar na educação infantil é um dos fatores essenciais para um ensino de qualidade nas escolas, pois se trata de profissionais absolutamente vitais nos resultados da aprendizagem.

Desta forma, a disseminação das diferentes modalidades que assumem o papel de preparar o profissional para a docência na educação infantil desencadeia grandes debates e preocupações sobre esse processo complexo, possibilitando novas perspectivas, mas, sobretudo provocando impasses e desafios, uma vez que cresce rapidamente o número de ingressos em cursos de licenciatura à distância, marcando avanços e recuos dependendo da ótica

analizada, já que provocam amplas discussões a respeito do desafio da qualidade, aspecto este que também assola a oferta presencial, pois em qualquer que seja os modelos a tarefa não é fácil, fato este corroborado nas controvérsias apresentadas nos diversos espaços e contextos historicamente construídos.

Houve lutas para a conquista de um espaço e modelo específico de preparação profissional docente, porém com a aquisição de novos modos formulam-se hoje conflitos pela diversa expansão dos contextos os quais se formam professores, haja vista que são diversas as maneiras de dispor este processo formativo, em que várias mudanças ocorreram nos espaços do ensino e aprendizagem do docente, o que nem sempre pode ser considerado avanço.

Nesse sentido, o presente trabalho objetivou investigar o cenário da formação inicial de professores para atuar na educação infantil, analisando em plano de fundo, o curso de Pedagogia nas modalidades presencial e a distância as quais concretizam-se como grandes detentoras desta preparação profissional. Diante disso, para o desenvolvimento do estudo utilizou-se pesquisa bibliográfica, tendo como embasamento teórico obras científicas da área, sendo

livros, artigos, revistas e domínios públicos da internet.

Vale destacar que este estudo de caráter teórico é parte da pesquisa monográfica intitulada “Formação Inicial de Professores Para a Educação Infantil no Curso de Pedagogia”, e indubitavelmente busca investigar os diferentes espaços e contextos que se formam professores para o ensino infantil, ressaltando impasses e desafios que assolam as modalidades presencial e a distância, observando aspectos desde as influências de uma sociedade capitalista na EAD, bem como marcas do tradicionalismo na categoria presencial, destacando peculiaridades destes modelos e por fim abordando a importância da formação de professores para a infância e sobretudo a escolha por essa área.

## **ENSINO À DISTÂNCIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: SUAS PECULIARIDADES FORMATIVAS E CAPITALISTAS**

Indiscutivelmente, nas atuais instâncias que se encontra a sociedade, em um ambiente globalizado, movido por novas tecnologias, a produção capitalista, bem como as políticas econômicas demandando um mercado financeiro voraz e agressivo, exercem grandes influências sobre o locus formador do professor para educação infantil, e neste caso o curso que, na contemporaneidade, assume papel específico para subsidiar esta preparação inicial, a licenciatura em pedagogia, a qual se consolida a formação em nível superior e universitária, em que Gomes destaca:

A formação universitária para professores (as) de educação infantil é algo desejável e atende a antiga reivindicação dos movimentos de professores e pesquisadores que preconizam ser essa escolaridade a mais adequada para o professor qualquer que seja o nível educacional de sua atuação (GOMES, 2013, p.67).

É sabido que a educação a distância movimentou o mercado financeiro com significativas marcas capitalistas e é responsável por considerável aumento de ingressos em cursos superiores e especificamente em licenciaturas, na qual a pedagogia se torna a de maior expansão. No Brasil, o debate sobre sua qualidade no que representa a formação de professores envolve faces diferentes, pois passa a desencadear interesses diversos, se apresentando além de tudo como mais um produto sendo submetido ao homem.

Neste núcleo supracitado um ponto viável destacar é a Universidade Aberta do Brasil, a qual detém papel bem influenciador na oferta pública de cursos superiores à distância de formação de professores para educação infantil, sendo a mesma uma integração com universidades públicas objetivando oferecer a preparação docente, apesar de que as instituições privadas se estruturam de formas diferentes e ofertam mais uma dentre várias mercadorias a serem vendidas, formando um elo entre o direito do acesso ao ensino superior e um aspecto financeiro, já que se deve ir além do fator expansão e analisar os planos e interesses por trás desta grande proporção, visto como se refere Pereira:

[...] A EAD configura-se, portanto, como uma via extremamente lucrativa para a expansão capitalista e a formação de intelectuais necessários à ordem burguesa, com a criação das primeiras Universidades Abertas na década de 1970 e sua expansão mundial a partir de então (PEREIRA, 2009, p. 270).

Partindo das premissas que todos têm direito a educação, a uma sociedade democrática e aberta, o impacto do capitalismo sobre os processos de preparação do professor vem a justificar a grande expansão deste ensino através da modalidade à distância, sendo que além desta necessidade de acesso

ao ensino superior ocorre um interesse intenso com as perspectivas econômicas e sociais, em que na maioria das vezes o objetivo é o acesso e o aspecto financeiro, mas que não se isola a partir da EAD, porém, sendo usado como justificativa para a expansão da mercantilização no grau superior o “direito” de ingressar no mesmo, abordagens essas discutidas por Pereira:

Assim, o ensino superior constitui-se como um veio extremamente lucrativo para o capital e, ao mesmo tempo, destaca-se pelo seu papel na disseminação ideológica da sociabilidade colaboracionista, através da formação de intelectuais colaboradores e empreendedores, sob a ótica do capital.

A década de 1990 e o início do século 21 registraram um franco processo de expansão e de mercantilização do ensino superior, validado e incentivado pelos governos, de Cardoso a Lula, pautados no pressuposto de que a educação é um “bem público”, sendo, portanto, um direito de instituições públicas e privadas oferecerem seus serviços educacionais à população [...]. (PEREIRA, 2009, p.271).

Ao partir dessas premissas, não se pode generalizar a ideia de somente o lucro como elemento decisivo no cotidiano acadêmico, pois, em todos os casos existem exceções, havendo sim impasses que necessitam ser discutidos. Porquanto os que disponibilizam o curso superior destinado a formar docentes para trabalhar com crianças em certas ocorrências se locupletam diante do beneplácito daquele que deseja a obtenção de um grau de superioridade, acabando por se deter apenas a uma titulação e reduzindo o foco de preparo docente.

Entretanto, é nítido o quanto a influência capitalista no campo educacional é característica que percorre o ensino a distância e especificamente quando disponível em caráter privado, já que questionar se tais estudos são limitados a uma separação, e se, sobretudo formam uma esfera apenas virtual e sem reduzir as distâncias necessárias são

mais que vital para que seja promovida uma boa preparação, porquanto uma inquietação que percorre é a questão do fazer prático fundamental, na prática docente, sendo realizado apenas online.

Diante disso formam se diversos desafios para a implantação do supracitado preparo pela EAD, “alguns desses desafios são de ordem mais subjetiva e comportamental [...]. Outros desafios são mais operacionais, como os metodológicos, tecnológicos, legais [...]” (TEPERINO et al, 2006, p.17).

Destarte, é alarmante a preocupação em ser eloquente quanto à venda de um curso, e destacar a EAD nesta situação, não a generalizando, pode ser comprovado quando traz slogans vislumbrando a oferta de um certificado igual ao do ensino presencial, isso somente reflete a inferiorização que tal comete contra si mesmo, levando a pensar que uma seria apenas a extensão da outra, fato esse que não pode acontecer como salienta Castro:

É preciso ter o entendimento de que a educação a distância não pode ser concebida, apenas, como um sucedâneo da educação presencial. Sua função social não se resume em promover a ampliação do número dos que têm acesso à educação. Mas é, sobretudo, como um instrumento de qualificação do processo pedagógico e do serviço educacional que a educação a distância traz uma fundamental contribuição (CASTRO, 2005, p.112).

A educação a distância não deve ser vista como um meio para as pessoas apenas possuírem um curso superior, não é uma substituição dos que porventura não ingressaram na modalidade presencial. Mas infelizmente o mercado financeiro não se limita a essas situações, sendo o capitalismo influenciador cada vez mais nas propostas educacionais, formando então professores sem as devidas qualificações, já que é visível o absolutismo do dinheiro nas propostas que se formulam. Faz-se necessário interrogar o que é a

educação a distância na visão do sujeito inserido nesse campo educacional, pois, muitos somente a vê como algo a suprir uma lacuna não subsidiada pela modalidade presencial, “Em resumo, a EAD dos novos tempos constitui uma alternativa educacional, porém, não apenas revestida com uma “roupagem nova”, ancorada pela NTIC. Viabilizada por novas propostas de ensino, torna-se capaz de trazer mudanças significativas à área educacional” (Souza 2005, p. 14).

É evidente na fala do autor supracitado o impulso que a educação a distância ganha, no entanto, é mais ainda visível a concepção da mesma como uma medida alternativa, fator esse que dificulta perceber os escopos desta modalidade, já que concebê-la como algo complementar a presencial exclui sua autonomia formativa e, ao mesmo tempo abre as possibilidades para o sistema capitalista investir em uma produção baseada nos interesses subjetivos de possuir um título superior. E em uma visão mercadológica da educação como Hermida e Bonfim afirmam:

[...] A educação, mais do que nunca, tem se tornado um produto de mercado como qualquer outro e, ainda pior, muitas vezes sem a qualidade necessária. A universidade torna-se um mero mercado de compra e venda, cursos rápidos, a longa distância [...] (HERMIDA, J. F.; BONFIM, C. R. S, 2006, p. 179).

Está cada vez mais perceptível a EAD aparecendo em diversos casos, ofertando cursos e principalmente licenciaturas de modo superficial, preenchendo apenas um espaço titular, pois, em um rápido olhar histórico é nítida a expansão de preparação do profissional da educação através desta modalidade, sendo preocupante o modo como se oferta, e o porquê da EAD deter grandemente desta formação, enquanto várias outras áreas nem sequer são cogitadas a serem oferecidas através desse

modelo, ocorrendo um embate entre qualificação profissional e ganho capital. Vendo que é grande o número de cursos implantados nesta modalidade e em instituições privadas, o que até certamente desvia a democratização necessária a ser promovida pelo poder público, diante dessa ótica Hermida e Bonfim argumentam que:

É preciso reconhecer que a EAD apresenta algumas possibilidades de inclusão educacional, mas faz-se necessário que o processo de credenciamento de instituições para implantação de projetos de EAD sejam rigorosamente avaliados. O elevado número de cursos a distância, especialmente para cursos de graduação e pós-graduação lato-sensu, evidencia um aprofundamento, especialmente após a década de 1990, do processo de mercantilização da Educação Superior e o conseqüente afastamento do papel do Estado na implementação das políticas públicas que realmente venham a atender a demanda de democratização do conhecimento (HERMIDA, J. F.; BONFIM, C. R. S, 2006, p. 179-180).

Cogita-se, com muita frequência, as manifestações de lucro permanente no ensino a distância. Porém, do mesmo modo que na presencial o acadêmico deve dedicar-se a sua preparação, pois, é a partir de sua dedicação que poderá produzir os saberes para o exercício da prática docente, já que aquele que assume o papel de está em uma formação superior para trabalhar com crianças deve, acima de tudo, buscar explorar suas especificidades e produzir os conhecimentos inerentes a sua atuação profissional, mas, infelizmente, muitas pessoas não se preocupam com as capacidades a serem adquiridas, remetendo-se apenas a ter um título a mais. De acordo com os supracitados:

Deve-se entender que a EAD e o Ensino Presencial são forças complementares e não antagônicas, e que a excelência do ensino reside nas instituições educativas e em seus aprendizes, e não na utilização de novas tecnologias de educação. A eficácia está na interatividade, no interesse e no esforço pessoal, seja no Curso

Presencial ou à distância (HERMIDA e BONFIM, 2006, p. 167).

Cabe significativamente debater e, sobretudo realizar uma extensa reflexão diante da força que ganha à formação do profissional para a educação infantil através de sistemas movidos intrinsecamente pelo mercado financeiro, os quais oferecem diversas opções e utilizando de sistemas tecnológicos, provocando inquietações entre a democratização e lucratividade, já que em uma sociedade das novas tecnologias, tendo como pano de fundo um cenário globalizado, novas práticas se criam, trazendo junto a si aspectos benéficos, bem como maléficos, e para tanto esta formação profissional também sofre influências, uma vez que em meio às diversas adjetivações que a palavra educação ganha acaba-se por perder o seu alvo central, e desta forma falar da educação a distância necessita explorá-la de modo que contextualize a ideia de educar, e assim não a abordando substantivamente.

### **PEDAGOGIA A DISTÂNCIA: O DIÁLOGO EM UM CONTEXTO ONLINE.**

O diálogo exerce papel fundamental e significativo no processo de ensino-aprendizagem em qualquer que seja seu contexto, comprometendo desta maneira todas as peculiaridades presentes em uma formação. Mas independente da forma que aconteça, referindo-se ao ensino superior, o acadêmico necessita acima de tudo assumir postura crítica e ativa, capaz de aprender a questionar e construir conhecimentos indispensáveis para o exercício de sua função.

De modo geral as tecnologias demandam um grande mercado na atualidade, e a partir da era intitulada como das novas comunicações demandam-se novos questionamentos, tanto quanto entender o

termo ensino online, o qual vem sendo aplicado na formação docente para educação infantil através da EAD. Para tanto Morgado considera:

Com a banalização do conceito de “ensino online” e o seu uso indiscriminado e, até, confuso, devido à uma sobrevalorização da tecnologia, ou do grau de interação que esta possibilita, vemos o termo aplicado quer a cursos que fazem apenas uma pequena passagem pela Web (uso de e-mail ou página web), quer àqueles cursos que são apenas acessíveis via computador (web+e-mail ou cenário de sala de aula virtual) (MORGADO, 2001, p. 3).

Certamente muitos são os fatores que interferem diretamente na construção do conhecimento, e dentre esses o diálogo deve ser considerado a base, pois, a partir desse se consolida diversos aspectos inerentes a uma qualificação, sendo que fornece a troca de informações e posteriormente uma construção de saberes necessários. Sobre este âmbito Sartori afirma que:

O processo de construção de conhecimento, que tem como base a dialética, encontra sustentação nos princípios do diálogo, da problematização, da contextualização, da relação teoria-prática, os quais facilitam a apreensão do objeto, associando-o as ideias ou ações do cotidiano dos sujeitos [...] (SARTORI, 2011, p.18).

É mais que notória a necessidade de um professor que fale bem, que tenha bons argumentos, e quando se liga a um processo de formação é visto que para a construção dos conhecimentos que percorrem o exercício da futura profissão o diálogo tem papel vital, já que é por meio deste que são construídos os saberes necessários, pois se sabe que a leitura é importante, mas que ir além desta é preciso, a contextualizar e debater, fatores esses que ocorrem principalmente nas conversas.

Entretanto, diante das novas formas de se ensinar e aprender, o conceito de diálogo vem ganhando nos rumos, uma vez que para conversar

nem sempre é preciso acontecer o contato físico, tal como ocorre através do uso das novas tecnologias, mas a dificuldade está principalmente no isolamento que ocorre, tornando-se refém do virtual e esquecendo o convívio físico que também é de grande importância, pois, no ensino mediado pelas novas tecnologias o aluno não deve ser esquecido e muito menos excluir as possibilidades de encontros presenciais que subsidiam e fortalecem o processo formativo. Nessas instâncias Teperino et. al. destaca:

O fato de não haver o contato face-a-face não significa que a relação seja impessoal ou fria. As pessoas que estão atrás de um computador, por não estarem diretamente no convívio de uma turma de colegas e de professores, precisam ser acompanhadas com dedicação para que não se sintam isoladas ou perdidas no seu percurso de aprendizagem. Cada vez mais, as tecnologias avançam no sentido de superar essa sensação de isolamento e impessoalidade (TEPERINO et al, 2006, p. 19).

Dentre essas considerações torna-se cabível destacar que a discussão acerca do diálogo traz consigo outros fatores, pois, quando se remete ao supracitado englobam-se características de natureza metodológica, tecnológica, cultural e social, estando desta forma ligados, vendo que se completam neste processo formativo que ocorre na pedagogia a distância, uma tendência que está cada vez mais a se expandir.

Destarte instaura-se o paradigma da comunicação, parecendo ser até errôneo diante de uma era digital, mas o que é instigado é como ocorre a relação dialogar no ensino-aprendizagem por meio de um sistema de caráter individualizado, pois, é criado as perguntas em torno das metodologias usadas para solidificar a explanada formação, visto como um cuidado que deve acontecer é o de não transformar a EAD em simplesmente técnicas tecnológicas,

deixando-as ser responsável ao invés de auxiliadora na preparação do professor.

Na pedagogia a distância a comunicação é mais que necessária, porquanto a modalidade mostra-se como um modelo em que o acadêmico assume o papel central. “Educação a distância é uma relação de diálogo [...]” (MOORE, 1990, apud BELLONI, 2009, p. 20).

Mas o que é muito inquietante é a caracterização do ensino-aprendizagem nesta formação, já que muito se discute a necessidade de produzir cientificamente, ou seja, a obrigação de ao pegar determinado conteúdo questioná-lo, debatê-lo e então usá-lo criticamente, fatores esses que no ensino presencial pode torna-se mais viável, pois, as peculiaridades dos debates não levam as mesmas configurações e os resultados por serem totalmente promovidos no virtual, corroborado é a maneira a qual na maioria dos casos é distribuído o conteúdo, que na maioria dos casos são impressos e entregues aos alunos para leitura e em seguida responder atividades. Nesse contexto da aprendizagem através da virtualidade, da individualidade ou até do grupo Morgado identifica que:

Neste contexto destacamos os seguintes pressupostos: a aprendizagem é um processo individual, influenciado, contudo, por vários fatores, entre os quais, o grupo e as interações interpessoais; estas interações no grupo envolvem o uso da linguagem na reorganização e modificação da compreensão das estruturas pessoais de conhecimento sendo, portanto, ao mesmo tempo, um fenômeno individual e social; implica a interação entre pares e a troca de papéis em diferentes momentos, consoante as necessidades; a aprendizagem colaborativa produz potencialmente maiores ganhos do que a aprendizagem individual, e não significa “aprender em grupo”, mas a possibilidade de o indivíduo beneficiar do apoio e da retroação de outros indivíduos durante o seu percurso de aprendizagem (MORGADO, 2001, p. 4).

Toma-se conhecimento que a flexibilização é um dos maiores slogans da EAD. No entanto, ser tão aberto exige do acadêmico experiência e principalmente autonomia para que possa aprender os saberes necessários para o trabalho na educação infantil, já que estará mais que nunca ocorrendo um processo de ensino-aprendizagem individual e que o aluno, futuro professor, tem o desafio ao ser o sujeito responsável por sua aprendizagem, o que porventura não o deve tornar o único responsável por essa formação, ou seja, o professor não pode ser eliminado, e neste campo de ensino-aprendizagem contínuo e construtivo da EAD Vianna ressalta que:

Esta proposta de ensino exige do docente, além da cultura geral e especializada bastante significativa e complexa, o domínio de técnicas diferenciadas de informática, e outras capacidades específicas como capacidade de síntese, raciocínio lógico, escrita objetiva, clara, concisa, coesa e coerente (VIANNA, 2004, p.49).

Ao falar em diálogo observa-se as várias ferramentas que estão presentes no ensino online, percebendo assim uma diversidade, pois, muitas são as opções em realizar a comunicação entre professor e aluno. No entanto, muitos são usados apenas como transmissor simples de mensagem, tanto entre alunos como com o docente, diante disso Vallin enfatiza sobre a ferramenta fórum, do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA):

O fórum é uma das ferramentas do AVA. Ele pode ser usado de forma que cada estudante deixe uma mensagem, em atendimento à proposta dada, sem que uns entrem em relação com os outros. Cada um fala por si e o diálogo em torno dos conteúdos não acontece. Em alguns casos a docência diz “estou aqui para tirar dúvidas”. Tirar dúvidas é como se pudessem falar somente sobre o que foi dado para ser lido, ou em vídeo-aula. [...] (VALLIN, 2014, p.48).

Através das colocações de Vallin (2014) é possível perceber as possibilidades do diálogo na EAD através do AVA, em que o fórum apresenta-se como meio viabilizador para tal. Diante disso é notório que o diálogo venha a acontecer, mas nem sempre significa que será gerador ou contribuirá na construção dos conhecimentos, visto como uma conversa informal poderá ocorrer e a dialogicidade concisa em torno dos saberes e conteúdos não é explorada, acabando por se limitar a um campo de somente sanar dúvidas, apesar de que o referenciado precisa ser mais explorado, tornando então um debate acerca de conteúdos estudados, o compartilhamento de cada conhecimento, das vivências que contribuem a especificidade do curso, bem como a temática abordada, e não um espaço limitado para responder perguntas de caráter técnico, estrutural.

Indubitavelmente a formação de professores para educação infantil precisa ser pensada em suas instâncias positivas, mas também negativas, percebendo as múltiplas necessidades que a assola, e na EAD a construção da autonomia discente e as responsabilidades docentes são significativas para direcionar sua aprendizagem, e nesta relação o diálogo vem a ser o impulsionador, sendo uma grande possibilidade para além da resolução de problemas e dúvidas, e sobretudo destaca-se que o docente não tem o papel apenas de repassar aos alunos conteúdos a serem lidos e acumulados, principalmente na educação infantil, em que compreender a gênese da infância é característica vital.

O fundamental é que a formação dos profissionais supracitados correspondam as suas necessidades profissionais, e sendo indiscutível que em qualquer configuração e modalidade que ocorra, a centralidade precisa ser a qualificação. Então o diálogo monta-se não como uma simples maneira de



comunicar-se, mas pelo contrário, como a base de uma preparação profissional que acontece através da educação a distância, porquanto o acadêmico que se apresenta de um lado, o qual não tem contato face à face com o seu professor, necessita ter voz e expressar-se e não somente assumir a postura de receptor de conteúdos, pois, se assim ser irá apenas acumular e adiante passa-lo. Assim sendo Granville afirma:

Pensar em formação do professor implica repensar modelos e atitudes com relação a esse profissional. Formação não é somente acumular conhecimentos em memória, é saber aplicá-los, questioná-los, revê-los e modificá-los para a realidade da sala de aula, de acordo com o nível de desenvolvimento dos alunos (GRANVILLE, 2007, p. 167).

Pedagogia a distância torna-se alvo de diferentes objetivos na atualidade, apresentando-se como meio viável a muitos para o acesso ao ensino superior. No entanto, o locus formador de professor para educação infantil acaba por perder sua especificidade, proporcionando lugar agora para outros vieses, mas apesar destas premissas a qualidade deve ser aspecto fundamental no processo de preparação profissional e incontestavelmente “[...] O diálogo proporciona continuidade, estabilidade, intensidade e realidade em relação ao EAD [...]” (Teperino et. al., 2006, p. 47).

Conhecer as técnicas e as formalidades que compõem o campo da formação docente para educação infantil através do ensino online é um passo crucial na preparação do futuro professor, já que se adaptar a esta modalidade é necessário para a troca de experiências e saberes, as quais compõem um grande avanço em todas as instâncias a serem exploradas em um curso superior, percebendo desta forma a importância da aprendizagem dialógica, e então aquela formação que represente preparação de

qualidade, não somente acontecendo as conversas informais, mas principalmente as trocas de conhecimentos explorando as particularidades de cada conteúdo a ser estudado, da mesma forma as vivências dentro do contexto, e como salienta Teperino et. al. (2006, p. 46) “A questão da dialogicidade na comunicação é fator central para o processo de aprendizagem, tanto na educação presencial quanto a distância [...].”

Contudo, a evolução ainda é muito necessária no âmbito da EAD, visto que formar professores não se mostra tarefa fácil, e as instituições de ensino dedicadas a esse ofício necessita indubitavelmente centrar-se nos fatores qualitativos enaltecendo a qualidade como fator principal, fazendo com que não somente o quantitativo seja característica de funcionamento.

## **FORMAÇÃO DOCENTE NA MODALIDADE PRESENCIAL: EMBATES DO TRADICIONALISMO.**

Muito se têm discutido nas atuais conjunturas as mesmices e dilemas do ensino tradicional na educação básica, abordando práticas ditas tradicionais e obsoletas na sala de aula e, ao mesmo tempo pedindo inovação para ocorrer transformações. No entanto, um ponto a ser considerado é em que circunstâncias ocorreu a formação desses profissionais, pois, do mesmo modo podem estar sofrendo embates daquilo considerado tradicional e conseqüentemente padrão, uma vez que em específico a modalidade presencial obtém-se uma forma que há tempo é detentora da preparação docente, desde os programas emergenciais, apresentando desta maneira formatos historicamente fixados, que trazem consigo

heranças históricas e padrões difíceis de serem rompidas.

Para falar da formação do professor regressões são necessárias, tendo em vista que cogita a falta de inovação nas escolas, remete-se então ao contexto que se formou esses profissionais, mas não finaliza nessas instâncias, em que um fator pouco discutido é em quais espaços e formatos se preparam os profissionais do ensino superior que estão formando novos docentes. Enfim uma série de questões, já que a autonomia em pesquisar e inovar deve ser considerada o estopim durante o processo de qualificação do pedagogo. Assim “[...] em relação à educação presencial é preciso considerar a sua longevidade e predominância, além da compreensão de que se fundamenta na necessidade do contato humano para o pleno desenvolvimento do processo de aprendizado [...]” (TEPERINO et al, 2006, p. 98).

É visto o quanto o ensino presencial predominou na preparação do professor da educação infantil e demais áreas, construindo toda uma tradição acerca dessa modalidade, possuindo técnicas totalmente implantadas, estabelecendo certa padronização, e de acordo com Netto, Giraffa e Faria:

[...] O peso da tradição do ensino presencial impacta no estabelecimento de um novo sistema educativo que seja socialmente receptivo, exceto se os objetivos institucionais, a legislação, a infraestrutura, os recursos e as práticas sejam revistas e modificadas, tendo a qualidade como o atributo comum que sustente cada uma das modalidades. [...] (NETTO, GIRAFFA E FARIA, 2010, p. 34).

Entretanto, afirmar que todos os cursos da formação docente oferecido na modalidade presencial são arcaicos é um grande erro, já que isso seria generalizar essa situação, uma vez que o professor que está a frente dessa preparação no nível superior possui autonomia para trazer novas práticas aos acadêmicos,

tão quanto o uso das tecnologias que são de grande valia para esse processo, mas sendo visível que não adianta nada se utilizar de aparatos tecnológicos somente para a reprodução de conteúdos a serem acumulados, ou seja, inovar não significa somente usar um “data show” e “notebook” como mero reprodutor de textos. Todavia “o educador não pode ter medo do novo, de inovar, mudar, mas para isso deve ser perseverante e ter certeza que há esperança e possibilidade de mudanças e ainda, para melhor [...]” (LOPES, MAZIERO e TREVISOL, 2011, p. 117-118).

A presencialidade traz consigo o fator contato físico, em que o processo de ensino-aprendizagem ocorre em local e horário pré-determinados. Não que o acadêmico só aprenda neste espaço, pois, em qualquer ambiente ele deve assumir o papel de pesquisador e buscar novos conhecimentos, mas o que se ressalta é a formalidade desta modalidade. De um lado a obrigação da presença, de outro elementos do presencial que contribuem para ensinar e aprender, já que de certo modo nesta modalidade o aluno após os horários fixados para aula terá outros momentos em casa ou outro local para continuar esses estudos. No entanto, na EAD o fator de que esse horário não é pré-estabelecido contribui para a noção de um estudo somente entorno das atividades ou demais requisitos solicitados. Assim Teperino et. al. faz uma reflexão sobre um curso presencial, destacando que::

[...] Imagine um curso presencial que ocorra em uma sala de aula a partir de uma grade horária definida. Professor e alunos encontram-se em um mesmo espaço, com mobiliário e ambiente específicos e, ali, o processo ensino-aprendizagem ocorre. O professor é o responsável pela exposição, explicação e orientação, os alunos participam, passiva ou ativamente, dependendo da organização de atividades proposta pelo professor. Ele pode realizar aulas expositivas, seminários, trabalhos em pequenos grupos, a partir de

tecnologias/mídias específicas, como o quadro-negro, o giz, o retroprojektor, o DVD ou até com auxílio do computador e do projetor. (TEPERINO et al, 2006, p. 40).

As tendências atuais requerem formações renovadas, e assim a organização didático-pedagógico, bem como institucionais e curriculares estão intrinsecamente ligados a isso. Mas de certo modo a exigência do encontro diário que acontece no ensino presencial acaba por contribuir para as diversas aprendizagens do acadêmico, visando à presença do diálogo e então a troca de experiências e novas descobertas através até de uma conversa informal entre estudantes, e ainda a imagem de professores cotidianamente na sala de aula fazendo a mediação. Isso reforça o sentido do ensino-aprendizagem ajudando majoritariamente na construção da autonomia do futuro docente, para tanto percebendo as peculiaridades do ensino a distância a formação continuada se apresentaria mais viável que a inicial nesta modalidade, já que em uma pós-graduação estaria trazendo o amadurecimento da graduação, tanto que o “documento referência” gerado na CONAE que traz como tema impulsionador “Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação” reforça que:

Parece adequado pensar que toda a formação inicial deverá preferencialmente se dar de forma presencial, inclusive aquelas destinadas aos professores leigos que atuam nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, quanto aos professores de educação infantil e anos iniciais do fundamental em exercício, possuidores de formação em nível médio. Assim, a formação inicial pode, de forma excepcional, ocorrer na modalidade de EAD para os (as) profissionais da educação em exercício, onde não existam cursos presenciais, cuja oferta deve ser desenvolvida sob rígida regulamentação, acompanhamento e avaliação. (BRASIL, 2009, p. 65-66).

Assim sendo, pesquisas e debates são cada vez mais precisos na questão das modalidades que formam docentes para a área infantil, desconstruindo preconceitos, mas acima de tudo eliminando a zona de conforto muito presente neste processo, uma vez que como o documento da CONAE destaca, o preferencial desta preparação na modalidade presencial é inevitável, pois, não é de hoje que se sabe da necessidade do amadurecimento ao ingressar na EAD, o que não tira desta suas contribuições, desde que seja bem acompanhada e avaliada.

### **A ESCOLHA PELA EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A INFÂNCIA**

A formação docente para educação infantil recebe na atualidade significações diversas, perpassando um passado marcado pela falta de exigência em assumir o compromisso de lecionar com crianças, ganha a pedagogia como polo central em qualificar esses profissionais, no entanto, o debate que se frutifica são as questões inerentes ao ingresso neste curso, partindo assim dos pressupostos da necessidade de formar professores que atendam a infância e consigam subsidiar os atos educativos e de cuidados, e, ao mesmo tempo a escolha de muitos em apenas adquirir um nível superior, o que logo provoca inquietações. De um lado a necessidade de se adquirir habilidades e competências necessárias para trabalhar com a criança, do outro somente uma possível escolha de formação acadêmica, um título a mais.

Muito se discute acerca das peculiaridades da formação docente, mas não se pode esquecer que ao falar em educação infantil a criança deve ser vista como objeto central em qualquer modalidade de preparação. Mais do que tudo a pedagogia para

infância precisa atribuir um papel específico ao profissional desta área, pois, se trata de uma faixa etária nova e que requer mais ainda cuidados especiais, além do mais é um ambiente diferente do ensino fundamental, é a creche e pré-escola que como Rocha considera:

A escola tem como sujeito o aluno, e como o objeto fundamental o ensino nas diferentes áreas, através da aula; a creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas travadas num espaço de convívio coletivo que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade (ou até o momento em que entra na escola). (ROCHA, 2001, p. 31).

É importante salientar as relações de uma escolha para ser professor na educação infantil, visto como estará obtendo um ofício de grande responsabilidade, e fator esse que cresce mais ainda ao referir-se as crianças, pois, é uma etapa inicial na vida dos pequenos, o que pede mais ainda dos educadores a questão de explorar a infância e suas diversas possibilidades, onde em um berçário, creche, o ato de banhar um bebê, o momento do sono e diversos outros aspectos devem ser considerados como pedagógicos, e não somente cuidados higiênicos, e como sustenta no artigo 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, licenciatura, “o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: II — compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social” (BRASIL, 2006, p. 02).

Visto as colocações das DCNP muitas são as aptidões a serem adquiridas pelo professor da educação infantil, para tanto uma boa formação é essencial, e mais ainda importante é querer ser educador de crianças, e a dificuldade gritante em

muitas dessas formações é a escolha realizada mediante apenas para possuir um título superior.

Mais do que nunca formar profissionais para o âmbito infantil requer subsídios sólidos de infância, dos pequenos detalhes presentes nesta etapa. Já que a cientificidade e criticidade são irrefutáveis em um curso superior, o uso destes para entender e vivenciar o mundo da criança é ainda mais essencial, no entanto, emerge em várias pesquisas as discussões sobre o perfil do acadêmico que está no processo de formação docente. Entretanto, um fato crucial é que “[...] O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar á altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe [...]” (FREIRE, 1996, p. 103).

Mas de antemão o que deve ser explorado e revisto é a identidade da pedagogia enquanto preparadora de professores para a educação infantil, já que o curso assume compromissos vastos ao enunciar-se como formador de profissionais para o campo educacional, vendo que a cada dia aparecem áreas ligadas a educação e então tendo pedagogos atuando, o que logo faz analogia a opção em ingressar no mesmo, pois, acaba por não ser exclusivo da formação de professores, e como Silva ressalta:

A despeito do caráter ideológico que possa permear os conflitos a respeito do encaminhamento a ser dado ao curso de Pedagogia, não há como negar que os mesmos incidem, fundamentalmente, sobre questões referentes às suas funções, ou seja, ao para que ele serve. Em outras palavras, a interrogação básica pode ser assim enunciada: cabe ao curso de Pedagogia formar profissionais para atuação em quais setores do campo educativo? [...] (SILVA, 2006, p. 130).

As incógnitas em torno da escolha pela educação infantil logo estaria tendo relação às diversas facetas que a pedagogia possui, uma vez que nem sempre o pedagogo objetiva o campo escolar

infantil, voltando-se então para a opção de formação superior e atuação em outra área afim ou não, mas o importante é que a responsabilidade é característica especial na docência, assim sendo aquele que se voltar ao ensino de crianças deverá desenvolver às competências que lhe são requeridas para o âmbito infância, refletindo diretamente sobre seu campo de atuação, dentre a formação deste profissional Gomes vem a apontar que:

Considerando o professor como o profissional responsável pela educação-cuidados de crianças pequenas em creches e pré-escolas, temos o desafio de qualificar o perfil desse profissional na área da educação e no âmbito da educação básica, reconhecendo a complexidade da formação de crianças pequenas em ambientes coletivos (GOMES, 2013, p. 25).

Destacar a palavra responsabilidade no contexto de formação docente não representa realizar redundâncias, pois, independentemente dos motivos que influenciaram na escolha em cursar uma preparação da carreira docente, é papel vital do acadêmico assumir suas funções. Porém, é visível a questão de ingressar desejando finalidades não ligadas a docência, bem como sustenta Marin (2003), ao analisar os resultados da pesquisa com graduandos de pedagogia acerca do significado de ser professor, no qual identifica que “[...] é possível dizer que o ingresso em cursos de formação foi conformado por um conjunto de motivos não compatíveis diretamente com a finalidade própria da função docente [...]” (2003, p. 59).

Diante das colaborações de Marin (2003) é visto que a entrada na pedagogia nem sempre focaliza trabalhar como professor. No entanto, ao ser sujeito deste processo já é uma escolha e para tanto não deverá omiti-la, pois, ao concluir o curso e tendo como exemplo a escolha da educação infantil precisa-se fazer jus, possuindo então uma postura profissional.

Uma vez que o acadêmico que ingressa na licenciatura em pedagogia necessita construir a noção de seu amplo campo de atuação, principalmente entender a importância ao participar de qualquer processo educativo, e referenciando o ensino infantil da forma que argumenta Gomes (2013) citado acima sustentando o elo “educação-cuidados” outro que chama a atenção trazendo o contexto dos desafios diante de mudanças na natureza da educação infantil é Oliveira et al ressaltando:

[...] Isto apresenta também um desafio para a formação dos professores, apontando para a necessidade não apenas da formação específica, mas de uma profunda compreensão do que caracteriza educar crianças pequenas e um verdadeiro interesse e competência para desempenhar a função de professores de educação infantil (OLIVEIRA et al, 2012, p. 71).

Direcionar a formação em seus objetivos do exercício da função docente é fator ideal para uma boa preparação, na medida em que se torna fundamental entender os estudos como meio para a construção das características do educador infantil. Além do que se envolve um público alvo o qual ganhou na atualidade com novas legislações, reconhecimento de ser ativo e que precisa ter infância, mas para que isso se sustente cabe ao processo formativo proporcionar estes fundamentos, desenvolvendo desta maneira um norte pedagógico para se trabalhar com crianças, bem como práticas educativas e de cuidados, pois, se trata de uma faixa etária de maiores atenções, consolidando-se um profissional de diversas capacidades, e nessa área o RCNEI sustenta:

O trabalho direto com as crianças pequenas exige que o educador tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao educador cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla e profissional que deve tomar-se, ele também, um

aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (BRASIL, 1998, p. 41).

Nesse sentido vale ressaltar que a importância da formação do docente para educação infantil baseia-se indubitavelmente em reconhecer as especificidades da criança, principalmente na preparação que englobe as singularidades ao se trabalhar com infância e assim em ambientes como a creche e pré-escola, as quais trazem consigo particularidades a serem exploradas e compreendidas, então de acordo com Rocha:

As peculiaridades da criança nos primeiros anos de vida, antes de ingressar na escola fundamental, enquanto ainda não é “aluno”, mas um sujeito-criança em constituição, exige pensar-se em objetivos que contemplem também as dimensões de cuidado e outras formas de manifestação e inserção social própria deste momento da vida [...] (ROCHA, 2001, p. 31 - 32).

Logo os objetivos citados por Rocha estão ligados às intenções educativas que percorre a educação infantil, pois, as instituições que atendem as crianças necessitam assumir a função de desenvolver a socialização, promovendo logo uma atitude educativa, já que neste espaço da criança muitas são as funções a serem especuladas, não se limitando a um conteúdo específico, uma vez que “Não é por acaso que prefiro o termo educar no contexto da Educação Infantil. Este termo parece dar um caráter mais amplo que o termo ensinar [...]” (Rocha, 2001, p. 32).

Embora dependa expressivamente do curso voltado a formação docente para educação infantil proporcionar competências específicas e necessárias para o trabalho com crianças, outro lado faz grande diferença, este é a própria pessoa que ingressa neste

processo, sendo visível que não será de grande valia vivenciar as especificidades da infância a serem ofertadas durante a preparação profissional se nos seus primórdios o acadêmico não quiser está participando ativamente e exercer sua profissão, além do mais como discorre Vitta A e Vitta F. C. F.:

Assim sendo, a formação do profissional de berçário deve estar diretamente vinculada a realidade já existente. Esse pensamento incorpora a ideia de que a formação inicial em nível médio e/ou superior deve ser reformulada e repensada para oferecer o que os profissionais que irão lidar com a creche, especialmente com o berçário, precisam para poder prover à crianças experiências que a desenvolvam. Mas, essa reformulação precisa passar pelo conhecimento da realidade, que envolve o respeito às características da criança e pelo profundo conhecimento adquirido ao longo dos anos pelos profissionais que já estão atuando nessas instituições (VITTA E VITTA A. 2004, p. 192).

Incontestavelmente muitos são os fatores que influenciam para a escolha da carreira docente, podendo ser permeada por emoção, inspiração e outros que compõem a parte humanitária e sentimentalista, ou a busca por uma profissão como por qualquer outra para sustentar sua vida financeira, uma forma de ingresso no ensino superior e demais particularidades. No entanto, afirmar que não houve opção e devido a esse fato está lecionando não é meio para justificar um trabalho mal feito. Sendo assim se está em uma etapa de formação o ideal é buscar produzir conhecimentos, desenvolvendo as habilidades para o exercício da função, pois, ao encontrar-se nesse meio fez uma escolha, independentemente das circunstâncias, coincidências e escolhas realizadas, o egresso do curso de pedagogia ao deparar-se com uma sala de aula terá por obrigação honrar com seus compromissos, mas principalmente fazer por querer, enfim, uma verdadeira situação paradoxal.

## CONCLUSÃO

Elucidar os processos o qual se submete a formação do professor para educação infantil deve ser tarefa rigorosa e cotidiana, haja visto que é uma temática inesgotável, pois, é um campo que precisa ser aprofundado, debatido e compreendido. Formar professores não é ofício fácil, mas bem como desde os seus primórdios passaram por mudanças e, principalmente obtendo avanços, criando legislações, identidades, formulando e reformulando cursos. O notável é que nunca se deve parar, e sempre estando a revisar os modelos que detém dessa formação, revendo-os, os inovando, mas acima de tudo proporcionando acompanhamentos e supervisões dos cursos que assumem esse papel formativo, uma vez que muito se acusa modelos atuais.

A transformação da docência em profissão atrativa e reconhecida é passo crucial, no entanto, esta positividade também precisa nascer do próprio profissional da área, do acadêmico que cursa Pedagogia. Assumir-se e enaltecer-se é vital. Entretanto, conhecer e vivenciar seu campo de atuação deveria ser cotidiano do acadêmico em Pedagogia, bem como ocorre com outros em formação, pois, não se forma professor de educação infantil apenas na universidade, mas igualmente, na prática de seu futuro campo de atuação, tendo como guia a dialogicidade, pesquisa e, sobretudo intensa fixação no ofício docente, vivenciar é fundamental.

Enquanto a EAD sabe-se que, ao mesmo tempo contribui e se torna desafiadora, é essencial compreender que nesta modalidade não estar geograficamente junto, professor e aluno, não significa uma educação distante, sozinho, necessitando ter o docente como parceiro do

acadêmico na construção de conhecimento, bem como o aluno assumir posição ativa e não ficar parado esperando o depósito de informações, ao contrario, deve promover reflexões acerca das particularidades que lhe são oferecidas. Enfim, uma reformulação pedagógica, mudanças em sua totalidade, de ambos lados, reduzir distâncias e explorar o coletivo, já é um grande passo.

Todavia, visando uma ressignificação do curso que forma professores para educação infantil diversos lados se envolvem. É claro o anseio por aproximações da relação entre o currículo do ensino superior que forma estes profissionais e o currículo da educação básica, no entanto, conceber um curso de pedagogia somente como mero transmissor de conteúdos da grade curricular escolar ocorrerá um retrocesso no processo de formação docente, aquela mecânica e nada reflexiva, mas se não houver ligação a esses, visto a prática cotidiana do professor, eliminasse possibilidades para a construção de práticas pedagógicas consistentes.

Logo um meio termo seria necessário, ou seja, a elaboração de novas relações, a união de um espaço de leituras com diferentes ideias e com prática-didática de conteúdos, podendo problematizá-los, contextualizá-los, debatê-los, reconstruí-los, produzir a partir do mesmo, pois, o médico é exemplo concreto da formação construída dentro do exercício da função, além do que cursa 6 anos a faculdade e obtém grandes experiências práticas ao realizar a residência médica, enquanto isso o pedagogo que também irá lidar com vidas não recebe a mesma ênfase prática, um aprendiz da docência que pouco a vivência.

Enfim, precisa-se não apenas de um professor, de um pedagogo para a sala de aula, pois, futuros docentes como muitos se rotulam, formam-se vários a cada ano, mas precisa-se de professores qualificados,

críticos, reflexivos e autônomos em busca do verdadeiro ser professor.

---

O autor declarou não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

---

## REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 5. Ed. 1ª reimpressão – Campinas, SP, 2009.

BRASIL. Presidência da República. Ministério da Educação: Secretaria Executiva e Secretaria Executiva Adjunta. Conferência Nacional de Educação 2010 – **CONAE – Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação** – Documento de Referência, Brasília, MEC, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006. Institui **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura**. 2006, Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf). Acesso em: 18 de agosto de 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Referencial Curricular para Educação Infantil**. v1, Brasília: MEC/SEB, 1998.

CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo. **Política de Educação a Distância: Uma estratégia de formação continuada de professores**. Natal, RN; EDUFRRN – Editora da UFRN. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 165p. (Coleção Leitura)

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de Professores na Educação Infantil**. 2 ed – São Paulo: Cortez, 2013.

GRANVILLE, M. A. **Teorias e Práticas na Formação de Professores**. Papirus, 2007.

HERMIDA, J. F.; BONFIM, C. R. S. **A Educação À Distância: História, Concepções E Perspectivas**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial,

p.166–181, agosto 2006 ISSN: 1676-2584. Acesso em: 13/07/16. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art11\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art11_22e.pdf). Acesso em 16 mar. 2016.

LOPES, A. R. L. V; MAZIERO, M. P.; TREVISOL, M. T. C.; Contribuição do Programa de Alfabetização Regional (PAR) para a Formação de Futuros Pedagogos: Análise de uma Experiência. In: LOPES, A. R. L. V; TREVISOL, M. T. C; PEIREIRA, P. S. (Org.). **Formação de Professores em Diferentes Espaços e Contextos**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2011, p. 103-126.

MARIN, A. J. **Formação de professores: novas identidades, consciência e subjetividade**. In: Chaves, S. M.; Tiballi, E. F. A. (org.) **Concepções e práticas em formação de professores**, 2003.

MORGADO, Lina. **O PAPEL DO PROFESSOR EM CONTEXTOS DE ENSINO ONLINE: Problemas e virtualidades**. in : Discursos , III Série, nº especial, pp.125-138, Univ. Aberta, 2001 Disponível em: <http://www.univ-ab.pt/~lmorgado/Documentos/tutoria.pdf>. Acesso em: 05 de agosto de 2016.

NETTO, Carla; GIRAFFA, Lucia M. M; FARIA, Elaine T. **Graduações a distância e o desafio da qualidade** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

OLIVEIRA, Z. R (org.). **O Trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012. Várias autoras.

PEREIRA, Larissa Dahmer. **Mercantilização do ensino superior, educação a distância e Serviço Social**. Rev. Katál. Florianópolis v. 12, n. 2 p. 268-277 jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/S1414-49802009000200017>. Acesso em: 02 de ago. 2016.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pedagogia e a educação infantil**. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2001, Nº 16. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n16/n16a03.pdf>. Acesso em: 18/08/2016.

SARTORI, Jerônimo. **Formação do Professor em Serviço: Prática Pedagógica Ressignificada**. In: LOPES, A. R. L. V; TREVISOL, M. T. C; PEIREIRA, P. S. (Org.). **Formação de Professores**



**em Diferentes Espaços e Contextos.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2011, p. 13-36.

SILVA, C. S. B. Curso de Pedagogia no Brasil: uma questão em aberto. In: Pimenta, S. G. (org.) **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, Mauro Schettino (org). **Educação Superior a Distância: experiências e contribuições.** Belo Horizonte: 2005.

TEPERINO, A.S.; GUELFY, A.C.; KIPNIS, B.; LONGO, C.; Lopes, C.M.B.; LIMA, E.D.B.; CORDÃO, F.A.; FILHO, H.C.; ALMEIDA, J.N.C.; MACHADO, M.S; LARROYED, M.; ALMEIDA, M.A.; SANTOS, M.E.F.; KOSHINO, P.; CARBONE, P.P.; SILVA, S.P.C.; LEITE, S.D.; HOROVITIS, S.A.B.; NASCIMENTO, T.P.C. **Educação a Distância em Organizações Públicas: mesa-redonda de pesquisa-ação.** Brasília: ENAP, 2006.

VALLIN, Celso. **Educação a Distância e Paulo Freire.** Associação Brasileira de Educação a Distância, RBAAD, Volume 13 – 2014. Disponível em:<[http://www.abed.org.br/revistacientifica/\\_Brazili an/2014/02\\_ead\\_paulo\\_freire\\_pt.pdf](http://www.abed.org.br/revistacientifica/_Brazili an/2014/02_ead_paulo_freire_pt.pdf)> Acesso em: 13 de julho. 2016.

VIANNA, I. O. A. A Formação de Docentes no Brasil: história, desafios atuais e futuros. In: RIVERO, C. M. L & GALLO, S (org). **A Formação de Professores na Sociedade do Conhecimento.** Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 21-54.

VITTA A.; VITTA F. C. F. A dualidade cuidado e educação na formação de professores para o berçário. In: RIVERO, C. M. L & GALLO, S (org). **A Formação de Professores na Sociedade do Conhecimento.** Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 183-196.